

As presas da consciência

Somos nós do Conselho Federal de Psicologia que nos sentimos muito orgulhosos de poder apoiar esse movimento. A satisfação do apoio maior talvez do que o efeito prático do que esse apoio possa contribuir para que esse movimento avance, sobretudo quando nós estamos no VI Encontro de Usuários e Familiares. Cada encontro de usuários e familiares que acontece, desde o primeiro com suas poucas entidades, o segundo em Santos, o terceiro em Franco da Rocha, em Belo Horizonte, Rio grande do Sul; cada momento desse a gente assiste no Encontro de Usuários e Familiares a realização do improvável.

O que vemos aqui é o que havia de menos provável que pudesse acontecer: sujeitos que estão marcados por uma definição preconceituosa da sociedade, como incapazes de se organizar, incapazes de qualquer coisa, vem demonstrando ano após ano, de que esse preconceito não tem razão de ser. E a melhor expressão disso é o encontro das entidades, usuários e familiares, que reflete exatamente aonde a sociedade imagina que só existe o caos, a desorganização, a desordem, nós encontramos o esforço ordenador do trabalho coletivo, o esforço ordenador da construção de uma utopia comum.

Nós temos aquele cotidiano que é feito de pequenas coisas, é feito da contradição do usuário que diz “Eu não quero tomar essa medicação”. E aí? Como é essa autonomia? “Eu não quero tomar, eu não vou tomar e eu que resolvo!” Como é isso?

Então eu tô querendo trazer para vocês que nós temos um plano mais geral de reflexão sobre a questão da autonomia e nós temos planos concretos, que acontece todo dia no serviço colocando um problema, acontece todo dia na sociedade. Vocês já viram passar uma urna eleitoral no hospício para quem está internado votar? Concretamente, apesar de não estarem interditados, os sujeitos que estão internados no hospício perdem seu direito político, isso é um caso flagrante e escandaloso de violação do direito, da autonomia, de direito político.

A identidade de técnico para nós, é uma identidade complicada, porque quando eu assumo a identidade de técnico, eu não tenho a “menor identidade” com a identidade de técnico que é atribuída ao funcionário que trabalha no manicômio, que trabalha numa linha tradicional, que é autoritário. Então muitas vezes, dentro do nosso relacionamento político, nós que somos os técnicos aliados do movimento social - eu queria trazer essa ideia de “o técnico aliado” - porque na verdade quando vocês nos trazem a identidade de técnico, vocês

acabam juntando nessa identidade de técnico, toda aquela identidade que nós que somos aliados recusamos nas nossas vidas há muitos anos.